

OS BATISTAS E UMA NOVA SENSIBILIDADE EM RELAÇÃO À MORTE EM SERROLÂNDIA/BA (1960-1980)

Jairo Soares Rios Júnior

Mestrando em História Regional e Local pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

E-mail: jhulayj@msn.com

Palavras-chave: Batistas. Católicos. Salvação. Morte.

João Batista de Souza, Constantino Carneiro Magalhães, Vilarino Vilas Boas, Francisco Alves, Antonio Alves e muitos outros leigos do povoado se comprometiam com o estabelecimento da Igreja Católica na comunidade. Uma nota de jornal ilustra bem essa característica.¹ No entanto, a participação popular na religião não era exclusividade de Serrote.² Em seu estudo sobre a Bahia, Kátia Mattoso (1992, p. 397) já tinha percebido isto.

Em relação à Serrote, até o final de década de 1950, a localidade se apresentava enquanto plenamente católica. Porém, seus moradores assistiam nesse mesmo período, alguns a contragosto, a uma mudança que iria redimensionar a vida religiosa e os espaços de convivência da população. Tudo isto acontecia devido à chegada de uma nova religião, a batista. O aparecimento de evangélicos foi narrado no anoitecer de uma quarta-feira do ano de 1998 por Seu Olindino, 81 anos, primeiro crente local e um dos líderes da Igreja Batista na época.³

Sabemos que o trabalho de divulgação da doutrina dos protestantes sempre fora marcado por muito preconceito. Na Bahia, para atrair fiéis, que nem sempre conheciam ou entendiam os evangélicos, houve a necessidade de forte propaganda (TEIXEIRA, 1975, p. 57). As condições em que os batistas encontraram a religião católica na Bahia até favoreciam essa divulgação, pois havia a insatisfação de alguns católicos baianos em relação às práticas da Igreja oficial, que os deixavam “carentes de uma autêntica espiritualidade”, e do abandono da membraia católica

¹ Fonte: Arquivo da Jacográfica – Primeira Página. Nota retirada do jornal *O lidador*, 16 ago. 1936.

² Serrolândia é um município do interior da Bahia, localizado no Piemonte da Chapada Diamantina, a uma distância de 319,9 km em relação a Salvador, em pleno sertão da região Nordeste brasileira. Nos anos de 1930 e 1940 era um povoado que pertencia ao município de Jacobina e se chamava Serrote. Em 1953 tornou-se vila e só em 1962 foi emancipada. In: REIS, Diomedes Pereira dos. *Serrote de ontem, Serrolândia de hoje*. 2 ed. Salvador: Press Color, 1994, p. 19-23.

³ Olindino Pacheco de Oliveira, entrevista concedida em 21 out. 1998.

(SILVA, 1998, p. 55-56). Mas, no interior baiano, por exemplo, grandes resistências aconteciam, como as perseguições de padres, que foram enfrentadas com as viagens evangélicas. Contudo, as condições ruins de locomoção do interior dificultava o acompanhamento dos missionários. Talvez tenha sido por isso que leigos, como Seu Olindino, foram orientados por lugares de maior acessibilidade, como o Sul da Bahia, na organização de novos núcleos evangelizadores. O Piemonte da Chapada Diamantina, onde localiza-se Serrolândia, foi considerado pela historiadora Marli Geralda Teixeira (1975) como uma das áreas de menor concentração de batistas da Bahia até 1925, com apenas três igrejas. Os motivos para a mínima aglomeração foram muitos. Além do difícil acesso e precários caminhos, havia a baixa concentração demográfica e o menor destaque econômico no cenário baiano, o que não tornava atração suficiente para os evangelistas (TEIXEIRA, 1975, p. 81-91).

Em relação à Serrolândia, percebemos que antigos fiéis estavam se convertendo à nova religião e isto irritava os católicos, tornando-se aqueles alvos de críticas, perseguições e censuras, como Seu Olindino relatou sem muito saudosismo. Em um de seus relatos ele contou que os batistas tinham alugado uma casa, coincidentemente perto da Igreja Católica, para realizarem seus cultos quando eles já eram uma pequena congregação. Sem identificar em qual período, este senhor disse que em certa celebração católica, que moveu muitos seguidores do município, chamada Santa Missão, o padre sentiu-se irritado com a continuidade dos trabalhos evangélicos tão perto daquele evento e pediu para que os crentes parassem com o culto, ameaçando até mesmo com uma ordem judicial. Foi quando Seu Olindino levantou-se e desafiou o padre pedindo para que ele fosse pessoalmente até o juiz. Ele disse ainda que sempre havia alguns abusos dos católicos, mas quando esse padre foi embora mandou um portador para pedi-lo perdão pelo que já tinha acontecido entre os dois.

Seu Olindino deixou escapar nesse relato, que o tal incidente tinha sido muito desagradável e constrangedor. Porém, alguns depoentes revelaram que, apesar das ameaças apreendidas pela Igreja Católica, os batistas mostravam-se fortes e decididos. Dona Elisa,⁴ professora aposentada de 63 anos e católica na ocasião citada, convertendo-se para a Igreja Batista logo depois, mostrou-se muito interessada em conversar e disse que tinha muito o que falar, relatando, entre vários assuntos, o mesmo acontecimento que Seu Olindino expôs acima, dando ênfase à persistência dos evangélicos. Dona Elisa contou que no período da então Santa

⁴ Elisa Almeida, entrevista concedida em 15 dez. 2000.

Missão, quando ainda era católica, assistiu tudo de perto, inclusive o momento em que o padre ordenou a interrupção do culto. Segundo ela, os crentes continuaram com seus trabalhos. “(...) Mas quase tem morte!” - revelou Dona Elisa⁵, ainda indignada com a atitude do padre, mesmo sendo católica no período.

Essas pessoas, como Dona Elisa e Seu Olindino, são testemunhas de uma época em que Serrolândia passava por muitas mudanças, como as político-religiosas. Nesse caso, as transformações eram no campo religioso, o que aconteceu também em outros tempos por muitos lugares do Brasil. Mas é necessário saber que essas confusões e intrigas em torno da Igreja Católica foram iniciadas com o movimento europeu de contestação ao poder do catolicismo, no século XVI, conhecido como Reforma Protestante. Essa ruptura com a Igreja Católica fora vivenciada em várias partes da Europa como na Alemanha, liderada por Lutero; na Suíça, França e Escócia com Calvino, Zwinglio e Thomas Münzer; e na Inglaterra dos anglicanos (SILVA, 1998, p. 25-28). Tais ideias foram se espalhando, vários grupos protestantes se formando e chegando também pelo Brasil.

Em relação à Bahia, a luta pela abertura e o trabalho missionário dos batistas ganhou aspectos especiais. A inexistência de trabalho evangélico até o início da década de 1880 e por ser considerada a terra do Brasil mais necessitada de suas atividades religiosas, por causa de sua religião tradicional, que misturava elementos do catolicismo com características de cultos africanos, levaram os batistas a lutarem pela difusão de uma doutrina que se opunha a tudo isso. Apenas dois missionários presbiterianos tentavam dirigir um pequeno grupo de crentes baianos nesse período inicial de evangelização protestante (SILVA, 1998, p. 55-56). Os cemitérios ingleses, inclusive, serviam como elemento de aproximação entre protestantes residentes no Brasil, fortalecendo cada vez mais a separação com os católicos.

Algumas dessas formas de pensar e agir também se configuraram em Serrolândia. Ao verem-se sufocados pelas críticas dos católicos, os batistas criaram espaços próprios, inclusive um cemitério. O binômio vida/morte é questão central na visão de mundo dos protestantes e o que os impulsiona em suas atitudes cotidianas. Segundo Elizete da Silva (1998, p. 353), “as formas de morrer, e as concepções sobre a morte também informam as preocupações, estilo de vida, o cotidiano e as representações do mundo dos vivos. Os crentes ao falarem da morte propõem uma ética no sentido mais profundo: um motor de vida”.

⁵ Entrevista concedida em 15 dez. 2000.

Nesse momento, tornou-se inevitável a discussão sobre cemitérios e mesmo sobre morte, pois a conquista de espaço dos batistas serrolandenses dependeu, entre outros motivos, de um espaço fúnebre que eles construíram. Para compreendermos melhor como foi a edificação do *cemitério dos crentes*, como os moradores da cidade o apelidaram, é preciso retomar a época da destruição do *cemitério comunitário*, que fora o primeiro dessa comunidade.

Após algumas releituras de entrevistas, percebemos que os serrolandenses se reuniram para edificar o espaço comunitário, ainda na década de 1930, movidos pelo desejo de ter um local “sagrado”, diferenciando-se, apesar de tratar-se de outro contexto e momento histórico, da recusa de cemitérios da Salvador estudada por João Reis. Mas esse espaço – o primeiro da comunidade – teve que ser destruído por causa do tamanho, que se tornava incompatível com o crescimento da cidade. Para os moradores de Serrolândia não cabia às autoridades a destruição do cemitério; porém, já no final dos anos de 1950, não tiveram outra alternativa, restando como consolo a remoção dos ossos para novo local (o segundo espaço fúnebre serrolandense) que estava se erguendo enquanto projeto do então “vereador de Jacobina por Serrolândia”, Florivaldo M. Sousa.⁶

Numa das entrevistas de Seu Olindino, foi observado como uma possível transferência dos restos mortais de seu pai para outro local se tornava inconcebível. Ele disse que no interior não se tinha o costume de ficar “mexendo com o corpo do morto” e que achava muito desajeitado. Então, foi quando seu amigo, Pedro Crente, o convidou para fazer outro cemitério para sepultar seu pai – o terceiro, ou seja, o cemitério dos evangélicos, no início da década de 1960.⁷ Ao falar sobre tal assunto, Seu Olindino mostrou-se bastante satisfeito com a ideia de Pedro Crente e começou a explicar que naquele momento era necessário o novo espaço fúnebre.

Na história contada por esse senhor percebemos o interesse em mostrar que os batistas não cogitavam naquele período uma rendição fácil ao que era ditado pela Igreja Católica. Ademais, o cemitério que estava em construção não dava espaço para concepções e rituais fúnebres não-católicos. A recusa em sepultar seu pai no *cemitério municipal* era a prova da independência dos grupos evangélicos. Além disso, Seu Olindino parecia querer expressar sua insatisfação com o que acontecia na década de 1960, vê-se que houve resistência entre os crentes

⁶ Segundo entrevista concedida pelo senhor Florivaldo Magalhães de Sousa, em 09 abr. 1998, no período em que foi vereador, representando Serrolândia em Jacobina (1951-1962), o primeiro projeto que apresentou ao prefeito Florivaldo Barberino foi a construção de um novo cemitério, pois o antigo (comunitário) estava sem espaço para outros sepultamentos.

⁷ Olindino Pacheco de Oliveira, entrevista concedida em 09 abr. 1998.

ao novo cemitério (o segundo). Dona Elisa também se mostrou contra a destruição e disse que ficou muito triste, pois às vezes gostava de visitar o local e depois da demolição ficou impossibilitada de sentir a “presença” dos entes queridos já falecidos.

Observando esses enunciados de Seu Olindino e Dona Elisa, percebemos que a memória da pessoa que morreu parecia estar comprometida com a destruição do *cemitério comunitário*, seja em relação à insegurança do transporte de ossos para novo local, à ameaça de maiores sanções dos católicos aos cultos fúnebres dos evangélicos, ou ainda com a possibilidade de não poder mais visitar a sepultura do falecido. Este último comportamento, por sinal, faz parte de antiga tradição católica que prezava pela sepultura como lugar que fazia lembrar dos que já foram “retirados dos olhos dos vivos” (AGOSTINHO, 1990, p. 29-30). E os batistas, que divergiam dos católicos por não cultivarem o apego ao “corpo do morto”, também queriam continuar visitando seus familiares que já tinham morrido, apresentando certa contradição.

Como vimos até aqui, a morte não era algo afastado, estranho e ocultado pelos serrolandenses - pelo menos até a década de 1960. Pelo contrário, a temática funérea era comum nas rodas de conversas entre amigos e nos momentos de descontração dos velhos, como também nas celebrações e cultos religiosos. Em um artigo da revista *Panorama Acadêmico*, é dito inclusive que os assuntos fúnebres influenciavam até mesmo no cotidiano dos primeiros moradores de Serrolândia (RIOS JÚNIOR, 2001, p. 53). A edificação do cemitério dos crentes, por exemplo, foi motivo de muita agitação para a cidade, gerando algumas controvérsias sobre a sua construção.

Nos depoimentos aparecem duas versões para a organização desse cemitério evangélico. Segundo as informações de Seu Olindino, o cemitério começou com o sepultamento do seu pai, como vimos anteriormente. Mas a tradição oral conta também que a construção fora influenciada pela recusa em sepultar-se no *cemitério municipal* uma mulher chamada Ubaldina ou Dona Rôla. Este incidente, para alguns entrevistados, motivou a edificação do *cemitério dos crentes*. Dona Elisa explicou-nos o surgimento do cemitério evangélico da seguinte forma:

Então surgiu a conversa que havia morrido uma pessoa, que certamente morreu... – enfatizou. – Mas que avisaram que não sepultava na igreja... no cemitério católico, no cemitério local... E os parentes da pessoa, imediatamente, eram donos do terreno onde existe o cemitério hoje, sepultam... Foram obrigados a sepultar nesse terreno aí.⁸

⁸ Elisa Almeida, entrevista concedida 15 dez. 2000.

Dona Elisa disse ter convicção do que estava falando e mostrou-se calma e segura. Ela chegou até mesmo a levantar-se e a apontar para a direção onde ficava todo o terreno da família que estava falando. Afirmou também que seu pai trabalhou na referida terra. Porém, quando surgiu essa versão de Dona Elisa, Seu Olindino não desmentiu a história, mas explicou que não foi o motivo para a edificação do cemitério, pois seu pai já tinha sido sepultado no local:

Rapaz, essa história não é mentira, mas... Ela chamava Dona Rôla, na intimidade, e parece que o marido dela chamava-se Domiciano. Se você perguntar isso a Pedro da Légua ele lhe informa melhor, entendeu? – fez-se de desentendido. - (...) Eu sepultei o meu pai. Fizemos lá uma cova de cimento e pedra, alvenaria, botamos o caixão dentro e lacramos, ainda no mato – encerrou o assunto e começou a falar sobre outras temáticas.⁹

A imprecisão de sua afirmação, chegando a indicar outras pessoas para contar a história, nos levou a questionar sobre a veracidade do fato. Quando surgiu essa dúvida, resolvemos entrevistar o senhor Florivaldo Magalhães de Sousa, que foi o primeiro prefeito da cidade e que nomeara o responsável pelo *cemitério municipal*, para ouvirmos o que ele tinha a falar da versão que Dona Elisa contou. Seu Flori, apesar de certo incômodo com o assunto, também não negou a existência da mulher, mas atrapalhou-se em seu relato:

Não, isso não existiu. (...) Vou lhe provar que não existiu isso. Domiciano era um dos pedreiros. Era um amigo meu, de todo mundo da cidade. Era um homem que mentia muito. A mulher chamava-se Ubaldina, o apelido de Rôla.(...) Dona Ubaldina sofria problema de megacolo. Dr. Manoel Ignácio operou. Ela ficou sã. Viveu muito tempo, depois morreu e foi enterrada no cemitério novo. Então essa história não existe.¹⁰

Ele afirmou que a tal Ubaldina existiu, mas disse que ela morreu bem depois da construção do cemitério considerado de católicos, provavelmente no final da década de 1960. Houve certa preocupação de Seu Flori em explicar tal incidente de forma diplomática, pois era justamente ele o prefeito do período, e não ficaria bem para sua imagem e reputação a negação de um sepultamento num espaço destinado, a princípio, a todos da cidade.

Infelizmente, os familiares dessa suposta mulher não foram encontrados para maiores esclarecimentos. O que deduzimos é que, se o incidente realmente ocorreu, ocasionando a

⁹ Olindino Pacheco de Oliveira, entrevista concedida em 09 abr. 1998.

¹⁰ Florivaldo Magalhães de Sousa, entrevista concedida em 09 abr. 1998.

separação dos cemitérios, as informações de Seu Olindino e Seu Florivaldo, possivelmente foram formuladas para negar ou evitar mais atritos com a Igreja Católica. Podemos perceber essa tentativa contemporânea de amenização de conflitos em outra fala de Seu Olindino a respeito do catolicismo quando ele diz que não aceita a doutrina do padre, mas que ele também é nosso próximo e que a *Bíblia* nos ensina a amar o próximo como a nós mesmos.

A justificativa bíblica serviu como desculpa para possível reconciliação entre os dois segmentos religiosos, mas é provável que essa nova postura dos batistas fosse configurada depois que estes conquistaram seu espaço e se firmaram enquanto mais um seguimento na cidade. Tudo isso só nos fez lembrar as sábias palavras de Ecléa Bosi ao falar da importância da memória na reconstrução do passado. Ao verificar o esforço de memorização dos velhos e após entrar em contato com os estudos de Frederic Charles Bartlett e Maurice Halbwachs, Bosi (1994, p. 64-68) concluiu que a vida atual dos depoentes influencia muito nessa organização do passado. É como Henri Bergson diz sobre as diversas temporalidades: “o passado deve deixar de ser apenas uma lembrança. (...) O passado, portanto, não é preservação contínua no tempo, é restauração no presente” (BORELLI, 1992, p. 86). Pois foi assim que observamos nas falas de Seu Olindino e Seu Flori, discutindo sobre o possível sepultamento de Dona Ubaldina, como o relacionamento contemporâneo entre os dois ramos religiosos – católico e batista – pesou em suas declarações.

A construção das versões dos entrevistados para explicar a organização do cemitério evangélico também pode ser vista como jogo de palavras que cria explicações e recria as já existentes, e mesmo oficializadas, obedecendo interesses individuais dos que estão falando sobre o assunto. Essas atitudes são comuns nas fontes orais e o que as tornam indispensáveis a um trabalho deste tipo, pois os conflitos entre religiões produzem não apenas o fato, mas os diversos discursos que dão continuidade, mesmo após décadas, às defesas e ataques dos grupos envolvidos.

A preocupação em encontrar uma versão “verdadeira”, ou mesmo a versão da própria família de Dona Ubaldina, como se esta fosse a mais coerente, é um trabalho vão. O objetivo de ir em busca de pessoas que falam sobre a tal história foi, tão somente, uma maneira de compreender como as memórias são reavivadas, reinventadas e selecionadas pelos entrevistados, principalmente quando expostos a perguntas consideradas delicadas e embaraçosas. Quem bem sabe do que estamos falando é o historiador Charles D’Almeida Santana (1998), que realizou trabalho cuidadoso com fontes orais e afirmou que quando os depoentes reelaboram suas

memórias “mostram-se capazes de enfrentar as tradições seletivas com a qualidade de sujeitos ativos de sua própria história. São envolvimento nos mutantes modos de vida e de luta que, em vez de surpreenderem simples contradições formais, revelam alternativas de interpretações do como experimentaram condicionamentos vividos historicamente” (SANTANA, 1998, p. 138). Pois a memória faz parte de processos culturais dinâmicos que a influencia, concretizando-se quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas.

Garimpendo outros estudos, agora sobre a temática fúnebre, verificamos que na Salvador do final do século XIX e início do XX a divisão de cemitérios tinha motivos diversos. Jorge Uzeda (1992) afirmou que uma das razões mais fortes era a de separação de classes sociais. Existia o cemitério do rico, do pobre e do estrangeiro, cada um com rituais e comportamentos próprios de suas classes (UZEDA, 1992, p. 141). Foi seguindo essa ideia, mas respeitando a separação em Serrolândia enquanto questão de fé e de filiação religiosa e não como decisão entre classes sociais, que atentamo-nos que o termo “cemitério dos crentes”, ainda utilizado pelos moradores da cidade, ganhou a dimensão de justificativa para um espaço que se diferenciava de outro pelos rituais e condutas de seus responsáveis. Seu Olindino já tinha dito que, apesar desse apelido, “lá sepulta qualquer pessoa que queira sepultar” e demonstrou certa reprovação com a denominação do cemitério, pois “lá tem cemitério pra defunto” e não apenas para “crentes”.¹¹

Oficialmente o *cemitério dos crentes* não existe. Ao procurar os documentos de registro com o responsável, Seu Olindino, não os encontramos. Nos atestados de óbitos também não se menciona a divisão de cemitérios. No campo do documento onde encontra-se *Cemitério que foi sepultado*, verificamos sempre o preenchimento da seguinte forma: *no cemitério desta vila/cidade*, como se existisse apenas um destes lugares em Serrolândia. Se observarmos os óbitos das décadas de 1960 e 1970 veremos que na primeira década 88,23% dos registros constam no preenchimento a frase *no cemitério desta vila/cidade*; e na segunda década temos apenas 63,44%. As outras partes das porcentagens nunca eram do cemitério dos evangélicos, mas de cemitérios rurais, como o da fazenda Tiririca, ou dos povoados.¹²

Ao final de tudo isso que vimos, primeiro sobre a religiosidade dos católicos e sua supremacia na cidade até a década de 1960 e depois sobre os conflitos religiosos gerados com a chegada dos batistas, o que nos chama atenção e o que muito nos interessa é como os moradores

¹¹ Olindino Pacheco de Oliveira, entrevista concedida em 09 abr. 1998.

¹² Fonte: Fórum Manoel Pereira Lima – Serrolândia/BA.

de Serrolândia se dividiram no momento da morte em duas formas de representação fúnebres após as tais brigas, que se materializaram com a existência de dois cemitérios: o considerado de “católicos”, e o organizado pelos “crentes”. A nova sensibilidade fúnebre que chegou em Serrolândia a partir da década de 1960 com os evangélicos era, de certa forma, diferente da que os moradores mais antigos tinham, o que tornava-se uma negação dos ritos católicos. Isto era devido às crenças que os batistas seguiam. As atitudes diante da morte dos crentes tinham rituais bem próprios, os quais se evidenciavam cada vez mais.

Fontes

ALMEIDA, Elisa. Entrevista concedida a Jairo Soares Rios Júnior, em 15 dez. 2000.

OLIVEIRA, Olindino Pacheco de. Entrevista concedida a Jairo Soares Rios Júnior, em 09 abr. 1998 e em 21 out. 1998.

SOUSA, Florivaldo Magalhães de. Entrevista concedida a Jairo Soares Rios Júnior, em 09 abr. 1998.

O LIDADOR. Jacobina, 16 ago. 1936.

Referências

AGOSTINHO, Santo. *O cuidado devido aos mortos*. São Paulo: Paulus, 1990.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

BAYARD, Jean-Pierre. *Sentido oculto dos ritos mortuários: morrer é morrer?*. São Paulo: Paulus, 1996.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3 ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BORELLI, Silvia Helena S. *Memória e temporalidade: diálogo entre Walter Benjamin e Henri Bergson*. São Paulo: EDUC, 1992.

DUPRONT, Alphonse. A religião: antropologia religiosa. In: LE GOFF, Jacques (Org.). *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1998.

JULIA, Dominique. A religião: história religiosa. In: LE GOFF, Jacques (Org.). *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1998.

MATTOSO, Kátia M. de Queirós. *Bahia, século XIX: uma província do Império*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

REIS, Diomedes Pereira dos. *Serrote de ontem, Serrolândia de hoje*. 2 ed. Salvador: Press Color, 1994.

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RIOS JÚNIOR, Jairo Soares. Atitudes diante da morte em Serrolândia: intimidade fúnebre (1930-1950). *Panorama Acadêmico*, Jacobina, v. 4, dez. 2001.

SANTANA, Charles D'Almeida. *Fatura e ventura camponesas: trabalho, cotidiano e migrações – Bahia 1950-1980*. São Paulo, 1998.

SCHMITT, Jean-Claude. *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SILVA, Elizete da. *Cidadãos de outra pátria: anglicanos e batistas na Bahia*. 1998. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

TEIXEIRA, Marli Geralda. *Os batistas na Bahia, 1882-1925: um estudo de História Social*. 1975. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1975.

THOMPSON, Edward P. *A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987 (v. 1).

UZEDA, Jorge. *A morte vigiada: a cidade do Salvador e a prática da medicina urbana (1830-1930)*. 1992. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1992.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.